

## **Entre o desejo e a impossibilidade: o sujeito e a(s) língua(s)**

Mariane Harumi Murakami<sup>1</sup> (ECA/USP)

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade. Línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

Ainda que, à primeira vista, o livro de Maria José Coracini – pesquisadora do Departamento de Lingüística da Universidade de Campinas – pareça interessar apenas a professores de línguas, pesquisadores de Lingüística Aplicada e tradutores, uma leitura mais atenta e livre de pré-conceitos revela uma gama de possibilidades de relações para comunicólogos e outros estudiosos das ciências humanas. Primeiro porque trata, à luz das teorias discursivas, da Psicanálise e da Filosofia derridariana, inúmeras questões preciosas para as Ciências Humanas, tais como discurso, identidade, memória, subjetividade, interdiscurso, cidadania, entre outros. Além disso, a língua (ou melhor, línguas), objeto de investigação da pesquisadora, constitui (ou pelo menos deveria constituir) uma preocupação de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, especialmente das Ciências da Comunicação, uma vez que a globalização e o avanço das novas tecnologias de comunicação, como é sabido, aproximam e hibridizam cada vez mais as línguas, transformando totalmente as relações sociais. Lembrando que não se trata aqui da concepção de língua como sistema – aliás, é exatamente essa concepção saussureana de língua e suas dicotomias fixas que a autora repetidamente refuta ao longo de toda a obra -, mas da idéia de língua como construção sócio-histórico-ideológica, cujo uso pelos sujeitos (também sociais e históricos) perpassa sempre o olhar do outro, seja em relação à língua materna, seja em relação à língua estrangeira.

A autora divide sua obra em quatro grandes partes, subdivididas em ensaios que, sem desviar da temática central – línguas, discurso e identidade – abordam diversos assuntos (tais como a identidade nacional, imagem da mulher, plurilingüismo, escola e cidadania, discurso do tradutor, ensino e novas

tecnologias, entre outros), que justificam a já mencionada abrangência da obra. Nestes ensaios, a autora traz discursos midiáticos, de professores, tradutores e pessoas que, como ela própria afirma, situam-se no “entre-línguas-entre-culturas”, em uma tentativa de desvendar nesses discursos os Outros que os constituem e “que deixam resíduos, rastros no inconsciente que se marcam como signo ou letra, e afloram, cá e lá, pela memória que se faz discurso, nas histórias de vida, nas invenções de si” (CORACINI, 2007: 11).

A primeira parte da obra, “Da (Dis)tensão teórica”, como o próprio título já supõe, discorre sobre as questões teóricas acerca das temáticas do livro, explorando especialmente as obras dos filósofos Michael Foucault e Jacques Derrida, do psicanalista Jacques Lacan e do lingüista Michel Pêcheux, a quem a autora dedica exclusivamente um dos ensaios, em que discute alguns de seus conceitos e dá a primeira pista para o caminho conflituoso que toda a obra irá percorrer: o caminho entre o desejo e a impossibilidade. No caso de Pêcheux, entre o desejo de construir um modelo de análise fixo capaz de controlar os sentidos e a impossibilidade de estancar os sentidos devido à incompletude da língua.

Na segunda parte do livro, “Da (im)possível identidade do povo brasileiro”, Coracini investiga a construção de uma (im)possível identidade nacional, melhor dizendo, do que é, no imaginário social, ser brasileiro (no olhar do outro, o estrangeiro), ser mulher brasileira (no discurso da mulher) e ser cidadão brasileiro (no discurso do professor). Vale destacar aqui a importância dada pela autora à análise de textos midiáticos, pela sua força na construção do imaginário, ou retomando Bakhtin<sup>2</sup>, pelo seu papel de intermediação entre a ideologia da vida cotidiana e as ideologias constituídas. Nesse sentido, podemos identificar nas discussões da autora um discurso que se instaura num constante vai-e-volta entre o otimismo e o pessimismo, em que ela afirma que nessa construção identitária, apesar de ser possível observar uma valorização de cultura e um esforço de mudança de paradigmas, esses discursos sobre o brasileiro, a mulher e a cidadania situam-se numa região de conflitos e tensões, onde mostram-se ainda muito presente fragmentos do discurso dominante, seja da moral, da ciência, da mídia ou do colonizador. Nas palavras da autora, “o que somos e o que pensamos ver estão carregados do dizer alheio, dizer que nos precede ou que precede nossa

consciência e que herdamos, sem saber como nem por quê, de nossos antepassados ou daqueles que parecem não deixar rastros. O que somos e o que vemos está carregado, portanto, do que ficou silenciosamente abafado na memória discursiva, como um saber anônimo, esquecido” (CORACINI, 2007: 59).

Por sua vez, os três ensaios que constituem a terceira parte da obra, “Ser/estar entre-línguas-culturas”, giram em torno da dicotomia língua materna– língua estrangeira, refutando essa dicotomização e defendendo o hibridismo e a heterogeneidade. Para a autora (e para Derrida), torna-se impossível a existência de monolingüismo, bilingüismo ou plurilingüismo, assim como não existe língua materna e língua estrangeira, uma vez que a nossa língua é a do outro e a do outro é nossa, ou seja, toda língua é ao mesmo tempo, “materna-estrangeira” e “estrangeira-materna” (p.145). O que há é um desejo de homogeneização, de uma busca por uma língua completa, una e transparente (especialmente pela mídia) e a contingência de sua impossibilidade, afinal a língua constitui o eu do sujeito (múltiplo e clivado) e não pode ser pensada fora dessa realidade.

Por fim, a quarta e última parte do livro, chamada “Da identidade do tradutor e do professor de línguas”, traz discursos de/sobre tradutores e professores de línguas estrangeiras à guisa de identificar construções discursivas sobre o ser-estar entre-línguas-culturas, uma vez que esses profissionais são muitas vezes vistos como intermediários, vínculos e “pontes” entre as diferentes línguas. Nos textos que compõem essa divisão do livro, Coracini aponta os conflitos e contradições desses profissionais, que buscam o domínio e o controle total sobre a(s) língua(s) e sobre os sentidos, numa ilusão, mais uma vez, de transparência da língua e objetividade do sujeito.

Assim, na investigação dos processos identitários nas práticas de linguagem de/sobre diferentes sujeitos, Coracini revela nesses discursos ecos de vozes que se entrecruzam, provenientes de regiões de conflito e que, como já dissemos, caminham entre o desejo e a impossibilidade: o desejo de completude e totalidade e a contingência do inefável e do incerto; a ânsia pela fidelidade e perfeição impossibilitada pela heterogeneidade intrínseca da língua; o desejo de fixação da identidade e a realidade do Outro que nos constitui e constitui o nosso discurso; desejo de classificar e dicotomizar

línguas e a contingência de sua realidade híbrida e inconstante. Desejo e impossibilidade perceptíveis não somente nos discursos outros trazidos pela autora, vide subtítulos ambíguos como “Da (dis)tensão teórica”, “impossibilidade e a necessidade de dizer(-se)”, “discurso de e sobre a (in)submissão feminina”, “da (im)possível identidade do povo brasileiro”, só para citar alguns.

Sendo assim, “A celebração do outro” traz contribuições importantes não somente para uma reflexão sobre a(s) língua(s); acreditamos que uma das grandes contribuições da obra se dá em relação à construção identitária, e conseqüentemente à noção de sujeito construído na e pela língua (e no e pelo discurso). Trabalhando com sujeitos que discursam sobre si e sobre o outro, a autora questiona (e refuta) dicotomias tão queridas por inúmeros teóricos e pesquisadores: subjetividade/objetividade e ficção/realidade. Segundo a autora, falar sobre si não garante a subjetividade, tampouco falar do outro possibilita qualquer objetividade; afinal, qualquer discurso, de algum modo, é construção de “uma história, uma narrativa, uma ficção que se torna, pela discursividade, uma verdade, melhor dizendo, uma realidade” (CORACINI, 2007: 117).

Finalizamos este texto lembrando que a obra de Coracini não é (e nem pretende ser) uma obra teórica que traz considerações revolucionárias sobre as questões de línguas, identidade e discurso. O grande mérito da obra é, a nosso ver, trazer “à baila” autores da análise do discurso, da filosofia e da psicanálise incompatíveis à primeira vista, e com maestria, conduzir as análises e reflexões a considerações extremamente relevantes a diversas áreas do saber. Resultado esse nunca finito, ao contrário, “conclusão” que, entre desejos e impossibilidades, não nos conduz a certezas absolutas, mas sempre a outras problematizações e questionamentos.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH/USP) e mestranda do programa de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA/USP)

<sup>2</sup> BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12ed. São Paulo: Cultrix, 2006.